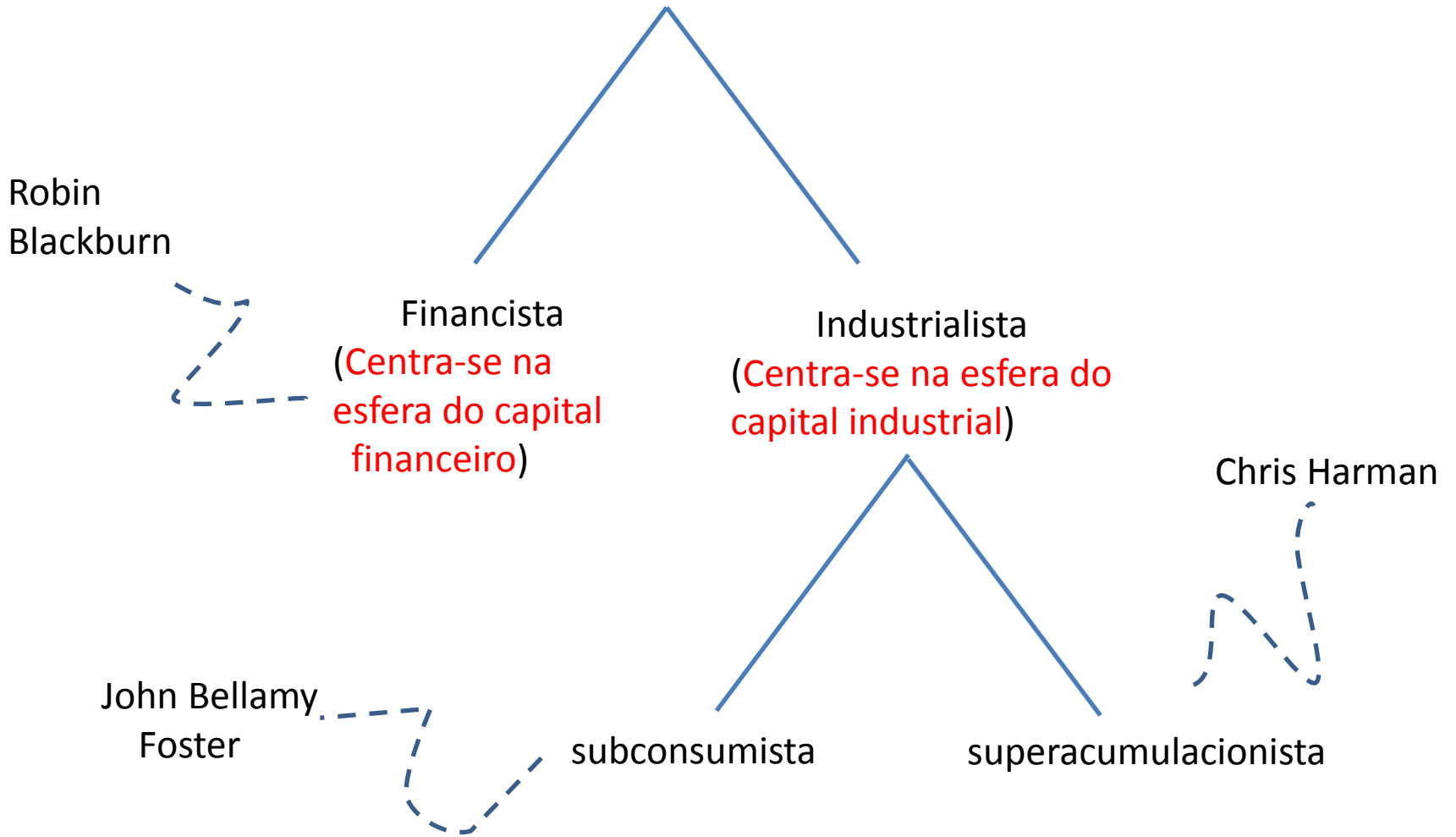


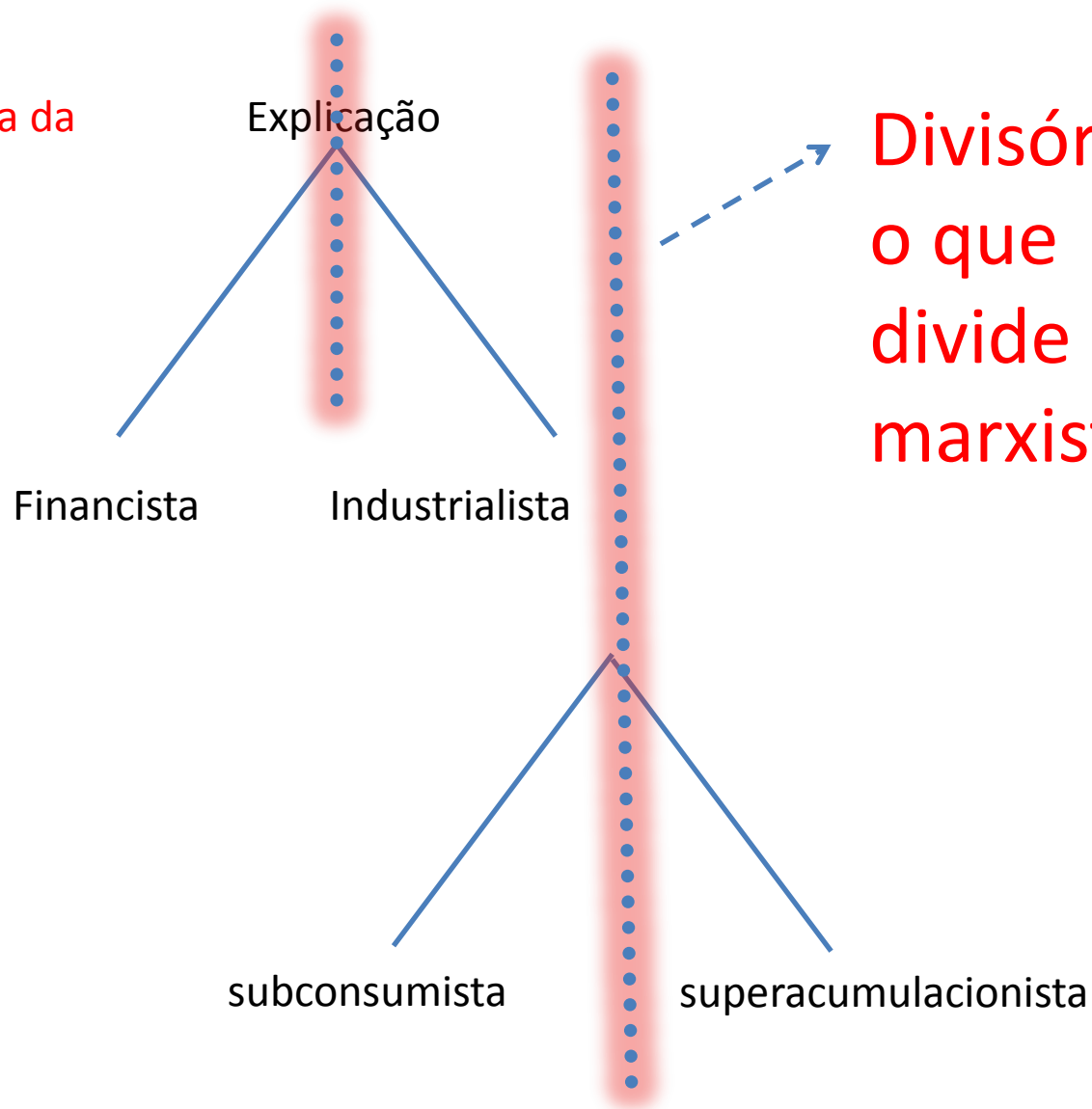
O enigma do capital e as crises
do capitalismo de David Harvey –
um comentário de cabeça
erguida

Compreensão da Crise



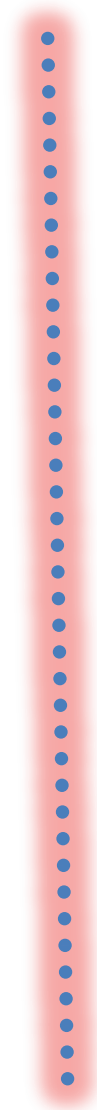
Compreensão da Crise

Divisória: autonomia da
macroeconomia

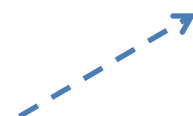


Marxistas
não-
marxianos
ou mesmo
Marxistas
keynesianos

Explicação
subconsumista



Lei
tendencial
da queda
da taxa de
lucro



Marxistas
marxianos

Explicação
superacumulacionista

Justificativa da divisória

- Marx, no capítulo **A lei tendencial da queda da taxa de juros**, afirma:

“(...) tampouco toda a Economia até hoje (...) conseguiu descobri-la. (...) Dada, porém, a grande importância que essa lei tem para a produção capitalista, pode-se dizer que constitui o mistério em torno de cuja solução toda a Economia Política gira (...)”

O que é a lei de Marx?

Apresentação mecânica

$$\text{Taxa de lucro} = \frac{m}{c+v} = \frac{mv}{v(c+v)} = \frac{mc+mv-mc}{v(c+v)} =$$

$$r = \frac{m}{v} \left[\frac{c+v}{c+v} - \frac{c}{c+v} \right] = s(1-q) \rightarrow$$

O que é... (cont.)

Apresentação mecânica

$$r = s (1 - q)$$

Nessa igualdade, $s = \frac{m}{v} \rightarrow$ taxa de mais-valia.

E $q = \frac{c}{c+v} \rightarrow$ composição orgânica do capital

Lei na forma mecânica

Como $r = s(1 - q)$, se “ s ” permanece constante mas “ q ” se eleva, então “ r ” cai.

Ora, ter-se-á uma lei mecânica válida se esse **modelo** reger de fato a acumulação de capital.

Por que essa explicação
é mecânica?



Resp.: Sistema Fechado

Por que Marx fala em
lei tendencial?



Resp.: Sistema Aberto

A lei em resumo

1) O MPC impõem uma lógica ao capitalista:

a) economizar trabalho (aumentar a produtividade do trabalho). Daí, Marx, com mediações, vai tirar a lei da queda tendencial da taxa de lucro.

b) incorporar mais trabalho (acumular, acumular). Daí Marx vai tirar a tendência ao aumento da massa de mais valia.

2) No processo da concorrência, os capitalistas são levados a introduzir novos meios de produção e a incorporar novas tecnologias.

Ao fazê-lo, eles buscam aumentar **sobretudo** a produtividade do trabalho.

Nota: A competição é um fenômeno muito mais complexo. O seu caráter acima ressaltado é crucial para entender a lei de Marx.

3) Para o capitalista individual, aumentar a produtividade do trabalho implica em aumentar a taxa de lucro que pode obter.

Ao mesmo tempo, a vantagem competitiva lhe permite aumentar a massa de lucro que pode capturar.

4) As novas tecnologias tendem a substituir trabalhadores por meios de produção. Isto gera desemprego. E aumenta a composição orgânica das empresas inovadoras.

Ora, isto aumenta, também, a composição orgânica dos setores em que as empresas inovadoras produzem. Assim como, da economia como um todo. Porém, o capitalista individual não se preocupa com isso.

5) Por que cai a TLM? Como o trabalho cria valor, menos trabalho vivo significa menos valor. A inovação poupadora de trabalho aumenta o trabalho morto em detrimento do trabalho vivo.

São dois lados da mesma moeda: cai a TLM e aumenta a produtividade do trabalho.

Marx: “a taxa de lucro não cai porque o trabalho se torna menos produtivo, mas porque ele se torna mais produtivo”.

6) As empresas inovadoras aumentam a produtividade para obter mais lucro. Ela não sabem que os seus trabalhadores produzirão menos valor e menos mais-valia.

Como isto é possível? Sem que saibam, as empresas avançadas tecnologicamente “chupam” mais-valia das empresas atrasadas tecnologicamente e de outros setores.

Assim, em consequência, nas empresas inovadoras, a taxa de lucro sobe, mas no setor e na economia como um todo, a taxa de lucro cai.

Marx: “Como tudo na concorrência, e portanto na consciência dos agentes da concorrência, se apresenta de modo invertido, assim também essa lei...”

7) A lei é tendencial. Surgem contra-tendências: algumas são autônomas (ex.: economia de capital constante); outras são induzidas pela própria atuação da lei (ex.: aumento da taxa de exploração).

8) A lei é mais forte do que as contra-tendências no longo prazo. Conforme declina o estímulo para investir, a crise emerge: empresas quebram; o desemprego aumenta.

9) A crise, ao destruir capital, faz com que diminua a composição orgânica; ela cria, assim, as condições para a recuperação da TML: a volta dos investimentos.

10) Períodos de crescimento se alteram com períodos de crise e recessão. Como o sistema econômico é complexo e dinâmico, só se pode apreender o seu evolver historicamente.

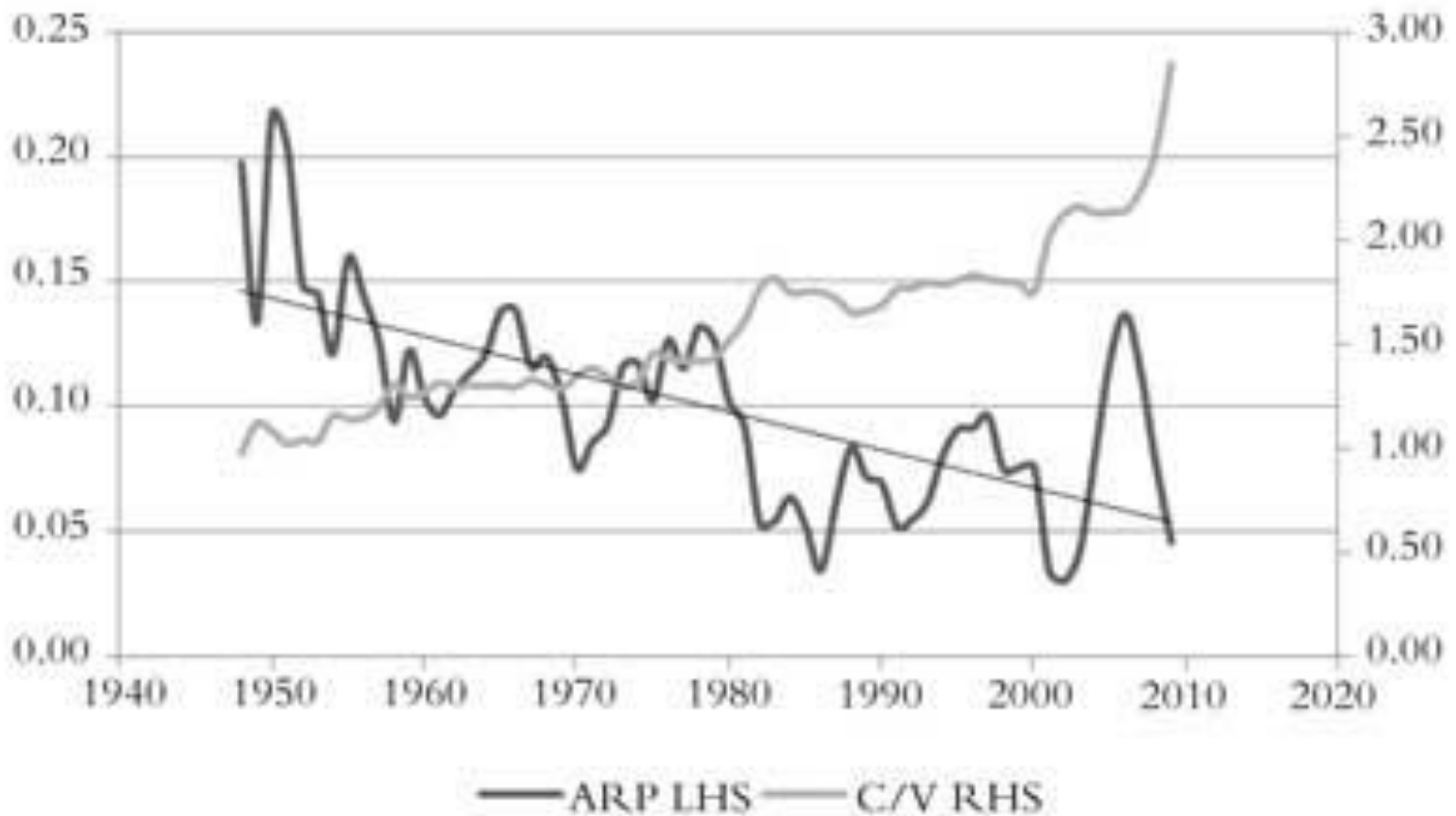
A história do capitalismo norte-americano
confirma ou refuta a lei de Marx?



Seguem evidências empíricas fornecidas por
Guilhermo Carchedi...

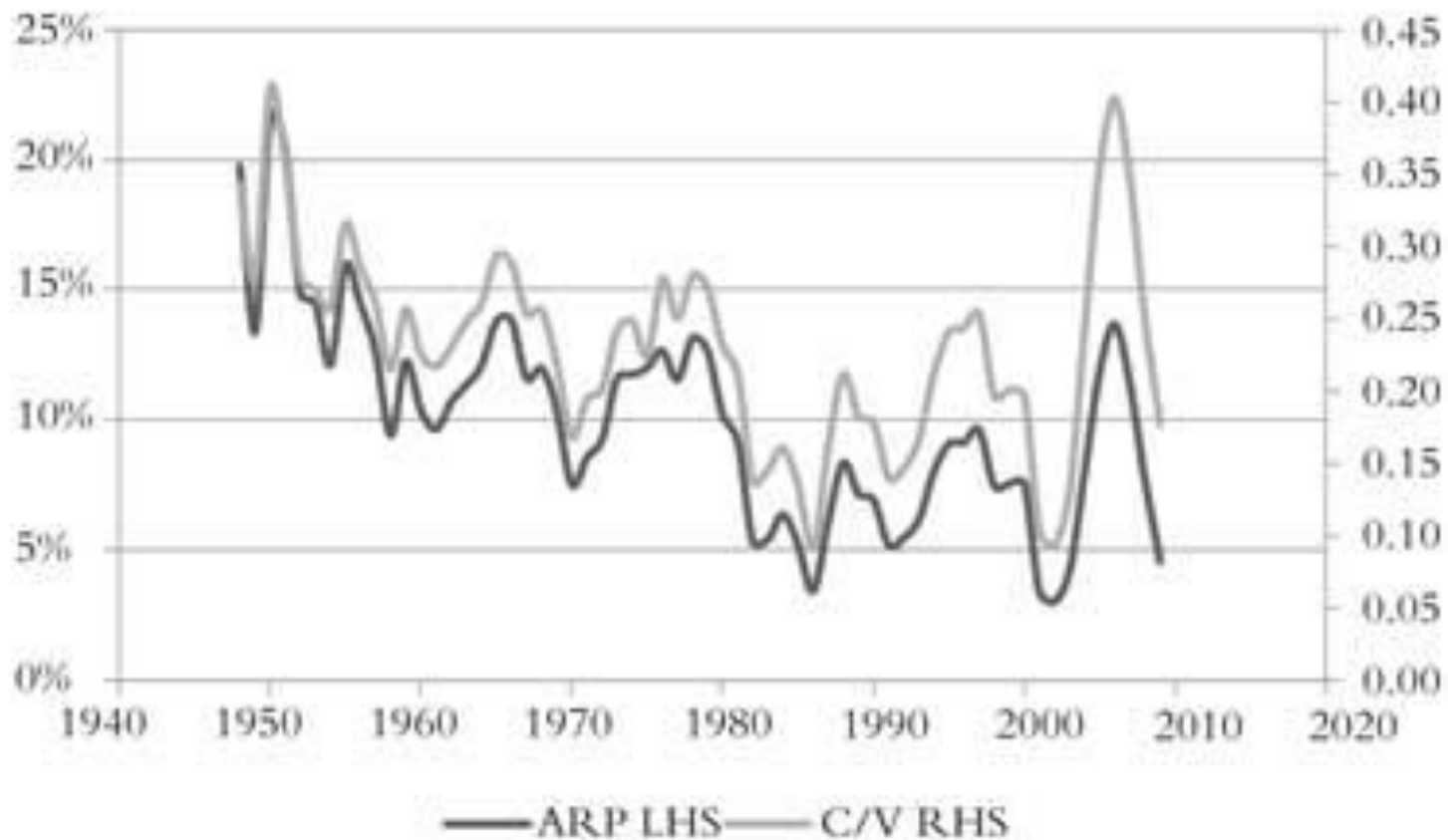
Evidência empírica

Taxa de lucro médio e Composição orgânica do capital para os setor produtivos da economia norte americana – 1948-2009.



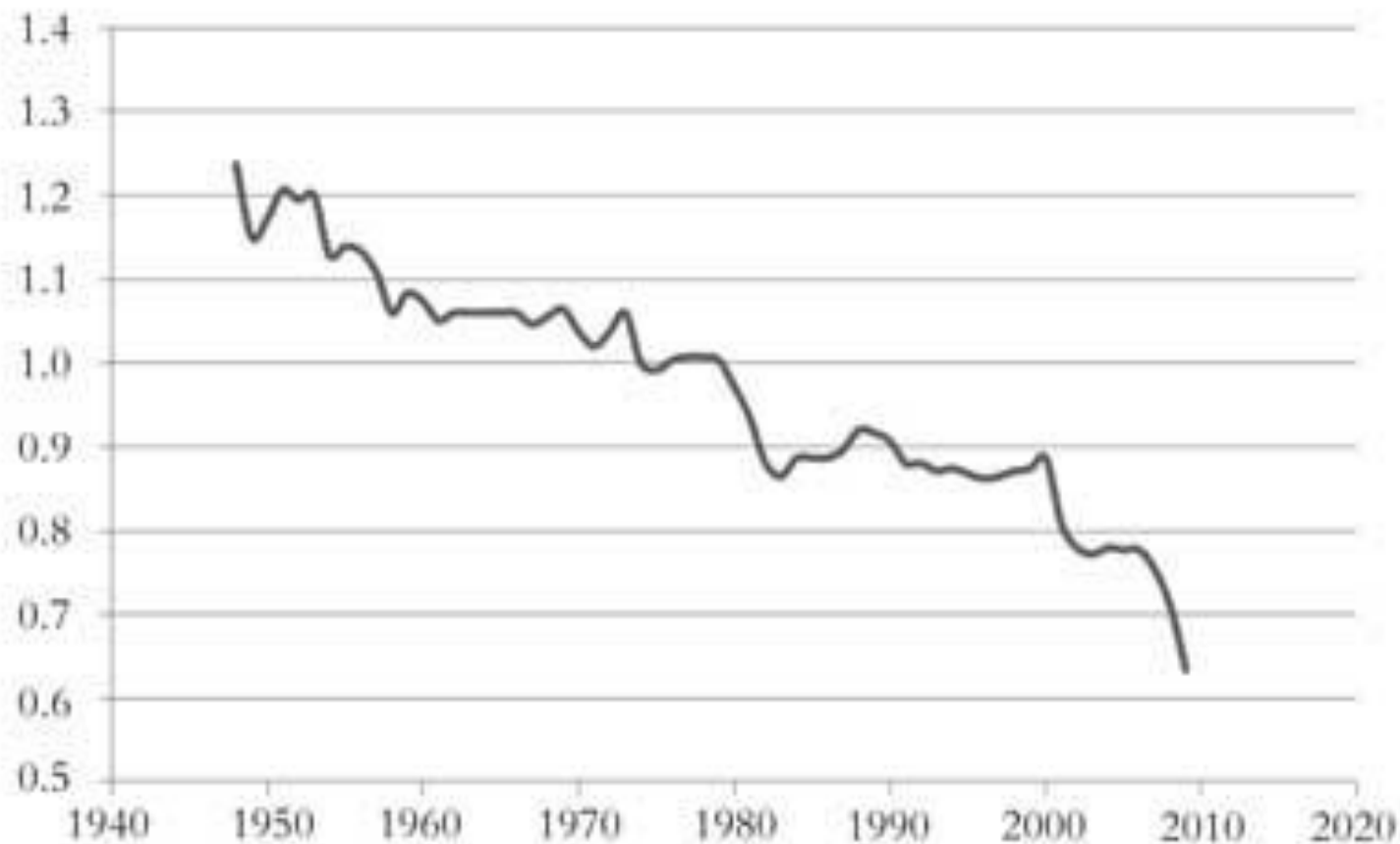
Evidência empírica

Taxa de lucro médio e Taxa de exploração para os setor produtivos da economia norte americana – 1948-2009.



Evidência empírica

Taxa de lucro médio para os setor produtivos da economia norte americana, supondo que a taxa de exploração mantivesse a tendência média entre 1948 e 1986.



A lei de Marx

A compreensão do capitalismo

Marx: “A produção capitalista procura constantemente superar as barreiras que lhe são **iminentes**, mas só as supera por meios que lhe antepõem novamente essas barreiras e em escala mais poderosa”

A barreira é imanente

O capital é sujeito

Marx: “A verdadeira barreira da produção capitalista é o próprio capital, isto é: que o capital e sua autovalorização apareçam como ponto de partida e ponto de chegada, como motivo e finalidade da produção; que a produção seja apenas produção para o capital e não inversamente (...).

A contradição principal
O capital é autotélico...
e autodestrutivo

Marx: “O meio – desenvolvimento incondicional das forças produtivas sociais do trabalho – entra em contínuo conflito com o objetivo limitado, a valorização do capital existente”.

A divisória de Grossmann

“A questão que examinarei” – diz em seu livro clássico – “é se o capitalismo completamente desenvolvido, pensado como um sistema econômico que prevalece de modo difundido e universal, vem a ser capaz de desenvolver o seu processo reprodutivo continua e indefinidamente, ou se esse processo de expansão chega a limites de um tipo ou outro, os quais ele não pode superar” (Grossmann, 1992, p. 31).

O que é crise de superacumulação?

É a crise que decorre do excesso de capital frente à massa de mais-valia que está sendo gerada na esfera da produção.

Ela é produzida, segundo Marx, pelo próprio desenvolvimento da relação de capital, a qual ele denomina de contradição em processo e sujeito automático.

O que é crise de subconsumo?

É a crise que decorre da limitação do consumo frente às possibilidades da produção.

Ela é produzida, segundo Sweezy, porque a economia capitalista é um sistema de produção que promove a riqueza dos capitalistas às custas da pobreza dos trabalhadores.

Segundo Sweezy, “o processo de produção é e deve permanecer, qualquer que seja a sua forma histórica, um processo de produção de bens para o consumo humano...

Os meios de produção são produzidos tendo em vista a sua utilização final, direta ou indireta, na produção de bens de consumo.

A tarefa real da teoria do subconsumo é demonstrar que o capitalismo tem uma tendência inerente a expandir a sua capacidade de produzir bens de consumo mais rapidamente do que a demanda de bens de consumo”.

E então...

O que pensa David Harvey sobre:

a) a lei de Marx?

b) o valor?

c) o capital?

d) a crise?

A lei de Marx funciona?

Resposta: “É difícil fazer a teoria de Marx sobre a queda da taxa de lucros funcionar quando a inovação é tanto para economizar (...) meios de produção quanto para economizar trabalho” (EC, p. 82).

Logo, segundo Harvey, o capitalista é indiferente entre economizar meios de produção ou trabalho; eis que ambos são meros fatores de produção para o capitalista.

Marx foi consistente?

Resposta: Ademais “o próprio Marx, na verdade, listou uma série de influências de contra-tendências para a queda da taxa de lucro (...)” (EC, p. 82).

Conclui-se portanto, **segundo Harvey, que** Marx foi contraditório, apresentou uma lei e a sua negação?

Qual o erro de Marx?

Resposta: “Essa lista é tão longa que torna a explicação de uma “lei” sólida de queda de lucros uma resposta mecânica à inovação para economizar trabalho, que permanece uma proposta insuficiente” (EC, p. 82).

Conclui-se portanto, **segundo Harvey**, que Marx era mecanicista – talvez involuntariamente?

Que lei é essa, afinal?

Resposta: “Há, de fato, uma boa dose de confusão quanto ao estatuto epistemológico dessa lei – uma confusão assinalada por Marx de várias formas referindo-se a ela como uma ‘lei’, uma ‘tendência’ ou mesmo como um híbrido ‘lei de tendência’.” (LC, p. 180).

Conclui-se portanto, **segundo** Harvey, que Marx era um “epistemólogo” muito confuso?

E sobre o valor?

Comentando a tese do capitalismo monopolista de Baran e Sweezy, Harvey diz:

“O abandono do ‘modelo competitivo’ em Marx acarreta certamente o abandono da lei do valor – o que, para o seu crédito, Baran e Sweezy estavam totalmente preparados para fazê-lo.” (LC, p. 141).

Cont.

“A dificuldade é que não se pode subtrai-la [a lei do valor], chave da análise de Marx, sem questionar seriamente e comprometer todas as outras categorias marxianas.” (LC, p. 141).

“Há certa ironia aqui. Enquanto Baran e Sweezy abandonam a lei do valor na troca, Braverman (...) mostra como ela captura com extraordinária precisão devastadora o que prevalece na produção. Como o valor pode prevalecer na produção, mas não na troca, é um mistério para mim” (LC, p. 142).

Ou seja, o valor é sobretudo uma explicação de preços que não funciona.

E sobre o capital?

“O capital é o sangue que flui através do corpo político de todas as sociedades que chamamos de capitalistas. (...)

(...) É graças a esse fluxo que nós, que vivemos no capitalismo, adquirimos nosso pão de cada dia, assim como nossas casas, carros, telefones celulares, camisas, sapatos e todos os outros bens necessários para garantir nossa vida no dia a dia” (EC, p. 7).

E sobre a teoria crise?

“Na ausência de quaisquer limites ou barreiras, a necessidade de reinvestir a fim de continuar a ser um capitalista impulsiona o capitalismo a se expandir a uma taxa composta.

Isso cria então uma necessidade permanente de encontrar novos campos de atividade para absorver o capital reinvestido: daí ‘o problema da absorção do excedente de capital’. De onde virão as novas oportunidades de investimento? Existem limites” (EC, p. 45).

“Mas existem outros potenciais obstáculos à circulação do capital, que, ao se tornarem intransponíveis, podem produzir uma crise (definida como uma condição em que os excedentes de produção e reinvestimento estão bloqueados).

O crescimento, em seguida, para e parece haver um excesso ou superacumulação de capital em relação às possibilidades de uso desse capital de forma lucrativa. Se o crescimento não recomeça, então o capital superacumulado se desvaloriza ou é destruído” (EC, p. 45).

“O exame do fluxo de capital por meio da produção revela seis barreiras potenciais à acumulação, que devem ser negociadas para o capital ser reproduzido:

i) capital inicial sobre a forma de dinheiro insuficiente;

ii) escassez de oferta de trabalho ou dificuldades políticas associadas a ela;

iii) meios de produção inadequados, incluindo os chamados ‘limites naturais’;

iv) tecnologias e formas organizacionais inadequadas;

v) resistências ou ineficiências no processo de trabalho;

e vi) falta de demanda fundamentada em dinheiro para pagar no mercado.

Um bloqueio em qualquer um desses pontos interrompe a continuidade do fluxo de capital e, se prolongado, acaba produzindo uma crise de desvalorização” (EC, p. 46-47).

E sobre a crise atual?

O neoliberalismo “se refere a um projeto de classe que surgiu na crise dos anos 70. (...) legitimou políticas draconianas destinadas a restaurar e consolidar o poder da classe capitalista” (EC, p. 16).

Assim, com base em diversas transformações, ele mostra que “o trabalho não é mais um problema para o capital, e não tem sido pelos últimos 25 anos” (EC, p. 22).

“Mas o trabalho desempoderado significa baixos salários, e os trabalhadores pobres não constituem um mercado vibrante”

“A persistente repressão salarial, portanto, coloca o problema da falta de demanda para a expansão da produção das corporações capitalistas”

“Um obstáculo para a acumulação de capital – a questão [do poder] do trabalho – é superado em detrimento da criação de outro – a falta de mercado. Então, como contornar essa segunda barreira?” (EC, p. 22).

“A lacuna entre o que o trabalho estava ganhando e o que ele poderia gastar foi preenchida pelo crescimento da indústria de cartões de crédito e aumento do endividamento” (EC, p. 22).

Em conclusão

David Harvey explica a crise pelo subconsumismo. E o subconsumismo, vale lembrar, pressupõem que a meta do sistema é a produção de valores de uso.

Como a crise para Marx é centralmente de superacumulação, David Harvey é um marxista não-marxiano.

CQD